

CONHECIMENTO DE ENFERMEIROS QUE ATUAM EM ESTRATÉGIAS SAÚDE DA FAMÍLIA (ESF) DE UM MUNICÍPIO DA ZONA DA MATA MINEIRA SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL DE JOVENS E ADOLESCENTES

Silvana Carvalho Novais¹
Vívian de Paula Gomes¹
Kelly Aparecida do Nascimento²
Ana Lígia de Souza Pereira³
Deyliane Aparecida de Almeida Pereira⁴
Juliano Vieira⁵
Laudinei de Carvalho Gomes⁶

laudineic.gomes@hotmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

O objetivo deste estudo é identificar o conhecimento de enfermeiros que atuam em ESFs de um município da Zona da Mata Mineira sobre a educação sexual de jovens e adolescentes. Para coleta de dados foi utilizado um questionário semiaberto, aplicado no mês de julho de 2021, contendo 9 questões sobre sexualidade, conhecimento dos profissionais e estratégias utilizadas na abordagem dos jovens e adolescentes. Todos os pesquisados tiveram contato com a disciplina de sexualidade na graduação, a maioria (60%) encontra barreiras para lidar com o assunto, ainda assim se dizem aptos a lidar com essa temática. Apenas 80% trabalha com estratégias mais amplas. Conclui-se que faltam políticas de ações intersetoriais e estratégias baseadas no autocuidado e autoconhecimento para que o protagonismo juvenil aconteça, seja na criação de vínculos que potencializem o alcance das ações, seja no respeito e análise do contexto no qual estão inseridos. Tem-se que uma população bem instruída, nas questões de saúde, minimiza riscos e agravos melhorando assim a qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual; Adolescente; Jovem; Enfermeiro.

1. INTRODUÇÃO

¹ Acadêmicas do 10º período do Curso de Enfermagem da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX.

² Educadora Física- Psicopedagoga- Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade- Professora da Faculdade Univértix Matipó.

³ Graduada em Enfermagem. Mestre em Gestão Integrada do Território - UNIVALE. Professora do curso de enfermagem da Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX- Matipó

⁴ Licenciatura e Bacharel em Educação Física – UFV. Mestre em Educação Física – UFV. Doutora em Ciências da Nutrição UFV. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

⁵ Graduação em Enfermagem pela Faculdade do Futuro. Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva Adulto e Neonatal pelo Centro Universitário de Caratinga – UNEC. Enfermeiro Intensivista do Hospital César Leite de Manhauçu.

⁶ Graduado em Enfermagem – UNIVÉRTIX. Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local – EMESCAM. Professor da Faculdade Vértice- UNIVÉRTIX – Matipó.

A adolescência configura uma fase com diversas transformações físicas, emocionais e psicossociais, e corresponde uma transição entre a infância e a vida adulta (RIBEIRO *et al.*, 2019). De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são adolescentes aqueles que possuem entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

Barros, Piekarski e Mezzomo (2017) afirmam que é nessa fase que ocorrem alterações no organismo e na fisiologia do adolescente, principalmente, a hormonal. Os autores afirmam que ocorre a maturação sexual, bem como crescimento acelerado, desenvolvimento das características sexuais secundárias e mudanças nas características mentais e intelectuais.

Para Almeida *et al.* (2017), nesse período, ocorrem práticas sexuais desprotegidas, devido à falta de informação, comunicação entre familiares, mitos e tabus, bem como pelo medo de assumir a sexualidade. Segundo os autores, a procura e a curiosidade por novas experiências e a falta de orientações sobre as mudanças pelas quais estão passando, repercute nas vulnerabilidades dos adolescentes, dentre as quais as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), incluindo a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Segundo Celeste e Cappelli (2020) devem ser utilizados os meios e as tecnologias de comunicação e das redes sociais para orientar os adolescentes através de atividades educativas, para prevenção da gravidez na adolescência, educação sexual, planejamento familiar, métodos contraceptivos e ISTs. Além disso, pode-se utilizar outros recursos tecnológicos como palestras, orientações, *folders* educativos, cartilhas, vídeos e mesa redonda para estimular o desenvolvimento crítico, argumentação colaborativa e a responsabilidade dos adolescentes.

Nesse contexto, o enfermeiro, enquanto conhecedor das atividades acerca da educação em saúde, de crianças e jovens, deve participar dessa transição auxiliando-os. Logo, precisa abordar os assuntos, condizentes com as dúvidas dos jovens e adolescentes. Cabe destacar que, apesar do tema sexualidade ser amplamente debatido por todos os meios de comunicação, é necessário que o enfermeiro conheça os interesses dos adolescentes e busque orientá-los

adequadamente visando a promoção da saúde e a prevenção dos riscos e vulnerabilidades à adolescência (CONSTENARO *et al.*, 2020)

Na visão de Ribeiro *et al.* (2019), os profissionais de saúde encontram dificuldades em abordar os adolescentes, demarcada pela falta de capacitação específica para trabalhar com os jovens e pelo fato de que o público desta faixa etária raramente procura a unidade de saúde. Ademais, demonstram pouco interesse e adesão às atividades propostas, exceto apenas aos casos em que o adolescente procura a unidade por iniciativa.

Outro fator limitante à procura das unidades de saúde é a estrutura física, visto que é um item relevante no acolhimento dos usuários e a sua inexistência nos locais onde os enfermeiros trabalham dificultam a concretização de ações direcionadas à população adolescente, principalmente de caráter educativo (ARAÚJO, 2016).

Segundo Campos *et al.* (2017) a educação em saúde tem sido requisitada na atenção primária para promoção da saúde sexual. Hoje a saúde é estudada sob vários pontos de vista, devido à complexidade e aos fatores multifacetados que afetam as dimensões da vida e da morte. Os autores relatam ainda que a educação em saúde emancipatória, afinada à realidade dos adolescentes, se constitui como estratégia promissora para promover a saúde sexual, sobretudo na perspectiva da justiça cognitiva, da educação participativa e transformadora, sendo almejada por profissionais da saúde e da educação.

Com base nisso, percebe-se que os estudos apresentados até aqui, tiveram foco no adolescente, vislumbrando os conhecimentos que eles possuem sobre a sexualidade. Contudo, não foram enfatizados a forma que os profissionais de enfermagem realizam as atividades educativas acerca da sexualidade na adolescência, bem como, as ferramentas e instrumentos utilizados para práticas educativas direcionado ao público do presente estudo. Nesta perspectiva, tem-se a lacuna do estudo a necessidade de compreender o conhecimento dos enfermeiros sobre o assunto, bem como identificar se há associações com a formação e aperfeiçoamento pedagógico.

Diante desse contexto, delinea-se como questão norteadora: qual o conhecimento de enfermeiros sobre a educação sexual de jovens e adolescentes? Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo identificar o conhecimento de enfermeiros que atuam em ESFs de um município da Zona da Mata Mineira sobre a educação sexual de jovens e adolescentes.

Esse estudo é de grande relevância, pois visa contribuir para identificar o conhecimento de enfermeiros quanto a educação sexual, por conseguinte, aperfeiçoar sua assistência, visto que, a enfermagem deve exercer suas funções através da realização de atividades assistenciais e ações educativas, sobretudo sanando dúvidas em relação ao desenvolvimento puberal e os métodos contraceptivos evitando agravos na sociedade, incluindo gravidez na adolescência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. REFERENCIAL TEÓRICO

A educação realizada pela enfermagem com jovens e adolescentes para que alcance seus objetivos em acordo com as diretrizes precisa ser de forma clara, com linguagem apropriada e, quando se trata de adolescentes, é percebida como processo complexo, não só por se tratar de educação sexual, como também pelo fato de existir distrações que podem impedir a concentração e o entendimento das orientações.

Constenaro *et al.* (2020), realizou um estudo com o objetivo de organizar oficinas e rodas de conversa com adolescentes a fim de instrumentalizá-los para a promoção da saúde a respeito da sexualidade. Os autores descrevem que o “Medo vivenciado pelos adolescentes e os tabus e preconceitos manifestados pela família/sociedade” (p.100550) “Carência de diálogo entre pais e filhos” (p.100550). “O adolescente e as boas práticas sociais e de saúde” (p.100550) foram os principais relatos.

Nesse contexto, o enfermeiro tem relevância no desenvolvimento de ações preventivas e educativas com os adolescentes estabelecendo estratégias que visem à prevenção da gravidez na adolescência, criando grupos com propósitos na promoção da saúde e prevenção de IST's/gravidez precoce. Com isso, contribuem

para a conscientização dos jovens sobre a importância da participação ativa nas ações de educação em saúde, no intuito de que se tornem capazes de lidar com suas próprias decisões e elencando atitudes positivas para lidar com papel do autocuidado (RIBEIRO *et al.* 2019).

Campos *et al.* (2017) realizou um estudo com o objetivo de retratar a experiência de diálogos e saberes sobre direitos humanos, saúde e cidadania sexual entre pesquisadores e um grupo de adolescentes. Os autores revelam a precariedade da vida, iniquidades de gênero, silenciamentos, negação de direitos sexuais, informações qualificadas insuficientes afetam a saúde sexual de adolescentes. O diálogo de saberes entre pesquisadores e adolescentes sobre direitos sexuais interfere positivamente na promoção da saúde sexual.

Diante do exposto, para Celeste e Capelli (2020), os profissionais de enfermagem que trabalham com a atenção aos adolescentes nas unidades de saúde, têm o dever de desenvolver ações assistenciais e educativas que abrangem esse grupo. Para tal ação é necessário realizar um plano de cuidado e de atenção ao adolescente voltado às especificidades dessa faixa etária. A educação em saúde deve ser elaborada em conjunto com a escola, a família e os profissionais de saúde, como proposta eficaz no índice de gravidez na adolescência, promovendo atividades que colaboram para a construção do conhecimento.

O estudo de Almeida *et al.* (2017) teve o objetivo de investigar o conhecimento de adolescentes relacionado às ISTs, AIDS e gravidez, em consonância conhecer a compreensão sobre o papel da escola na educação sexual. Os resultados mostram a necessidade de ações educativas de prevenção para os adolescentes, reconhecendo-se a importância da educação sexual; onde a implementação de estratégias de promoção e de proteção à saúde no ambiente escolar contribui e fortalece o autocuidado na saúde.

A adolescência tem se destacado em muitos estudos nas últimas décadas, visto que é nessa fase que aparecem os conflitos com o início das relações sexuais, momentos de incerteza, ansiedade, insegurança, isolamento, transtornos de vínculos afetivos, entre outros (RIBEIRO, *et al.*, 2019).

Abordar a temática da sexualidade não pode ser vista como algo estático, deve ser dinâmico e com o decorrer da história vem evoluindo nas suas discussões e na maneira de vivenciá-la. Defende que a interação entre adolescente, escola, família e sociedade deve ocorrer sempre acompanhando de acordo com a evolução humana e da sociedade, com seus ressignificados e seus valores (CONSTENARO, *et al.* 2020)

Para Campos *et al.* (2017) a sexualidade humana é parte de uma construção social e cultural, em especial a adolescência, é marcada por descobertas e experimentações, crescente autonomia e tomadas de decisões, o que torna fundamental fornecer educação sexual e informações qualificadas aos adolescentes. Afirma ainda que deve promover a saúde sexual, que é definida como relações sexuais saudáveis, protegidas, livres de coerção, discriminação e violência.

O enfermeiro possui o conhecimento para a elaboração de estratégias, na prevenção da gravidez na adolescência, por meio da educação em saúde, vislumbrando a conscientização da importância do envolvimento nas ações criadas, para que o jovem saiba lidar com as suas decisões (FONSECA, 2017).

3. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva, que segundo Gil (2010), tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

O local de coleta de dados foi 5 unidades, pertencentes à Estratégia Saúde da Família (ESFs), de um município da Zona da Mata Mineira, que possui população de 14.201 habitantes (IBGE, 2010). Essas unidades realizam atendimento de baixa e média complexidade e consultas de enfermagem, dentre os diversos procedimentos de saúde.

A amostra foi composta por 5 enfermeiros que atuam nas ESFs, de ambos os sexos. Excluídos os profissionais em licença por doença, férias e que recusarem participar da pesquisa.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário semiaberto, aplicado no mês de julho de 2021, adaptado de Fonseca (2017), contendo 9 questões, sendo 5

abertas e 4 fechadas sobre sexualidade, sobre o conhecimento dos profissionais e estratégias utilizadas na abordagem de jovens e adolescentes. Foram adicionadas questões para levantamento sociodemográfico. O tempo previsto para responder às 9 questões foi de 6 a 10 minutos.

Este estudo seguiu as especificações da Lei 466/2012 (BRASIL, 2012), que trata de pesquisa envolvendo seres humanos, resguardando-lhes o anonimato e autonomia em recusar-se ou desistir de fazer parte da amostra do estudo. Para coleta de dados, foi informado aos participantes o universo da pesquisa, o objetivo do estudo, a relevância e a justificativa.

A participação foi concretizada mediante o aceite online do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinalando a opção “Concordo”. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em risco psicológico durante a aplicação do questionário, no qual poderá sentir-se constrangido(a) frente a alguma questão, pode ainda preferir não se manifestar, tendo o direito de responder apenas às perguntas que desejar, evitando assim esse risco psicológico. Além disso, tem-se o risco de exposição dos dados online, para isto foi adotado os seguintes procedimentos: formulários criados por e-mails específicos dos pesquisadores, o acesso ser único e exclusivo dos pesquisadores e convite ser individual (BRASIL, 2012).

Devido aos riscos inerentes a Covid-19, foi utilizado a plataforma *Google Forms*, para aceite do TCLE e inserção das respostas dos participantes da pesquisa. Posteriormente, os dados foram tabulados no *Microsoft Excel* e *Windows 10* e avaliados por estatísticas descritivas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando se trata de sexualidade ela se manifesta de diversas maneiras, muitas vezes através de sentimentos desconhecidos, complexos com necessidades de relacionamentos interpessoais, aumentando assim as incertezas e medos. A forma que a sexualidade será experimentada emanará de fatores como qualidade das relações, emocionais, físicas, psicológicas, crenças, valores, normas morais e tradições herdadas desde a infância (SILVA *et al.*, 2019).

Procurando compreender estes fatores, a tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dos 5 profissionais participantes da pesquisa.

Tabela 1: Características sociodemográficas dos profissionais participantes da pesquisa que atuam nas ESFs, de um município da na Zona da Mata Mineira. 2021.

| Características | % |
|--------------------------------------|-------------|
| Casada | 40,0 |
| Solteira | 60,0 |
| Crença religiosa | |
| Católicas | 60,0 |
| Evangélicas | 40,0 |
| Média (DP) | |
| Tempo de formação anos | 10,32(5,30) |
| Tempo de atuação no município | 7,57(4,84) |

Fonte: Elaborado pelas autoras

Cada unidade de saúde é composta atualmente por 1 enfermeiro e 1 técnico de enfermagem. Os pesquisados neste estudo foram apenas os enfermeiros, sendo todos do sexo feminino, com idade média de 34,8 anos de idade ($\pm 5,31$), predomínio de solteiras e católicas (60,0%). O tempo de formação profissional é de 10,32 ($\pm 5,30$) anos e o de atuação no município de 7,48 ($\pm 4,84$) anos, como apresentado na tabela 1.

A capacitação profissional tem sido o centro de inúmeras discussões a respeito da educação no Brasil, muitos profissionais relatam sentir despreparo na academia e precariedade na educação permanente em relação à conduta de muitos temas; Entre eles estão a sexualidade e a educação sexual (PINHEIRO *et al.*, 2017).

Vale destacar que apenas 40% das participantes do estudo possuem pós-graduação e não relacionada com o atendimento ao adolescente. O tema sobre sexualidade foi abordado durante a graduação de todas em algum momento e 80% consideram importante a inserção de uma disciplina sobre sexualidade humana na matriz curricular do curso.

Segundo Lima *et al.* (2021), a inserção da disciplina sobre sexualidade na matriz curricular do curso de graduação em enfermagem trará mais segurança aos profissionais de enfermagem para abordar o tema com seus futuros pacientes, por ser considerado tabu pela maioria das pessoas falar sobre sexualidade com



adolescentes, faz com que sejam pessoas mais instruídas em relação às suas decisões com o seu corpo e sua mente.

O quadro 1 apresenta as estratégias utilizadas para superar as barreiras/dificuldades encontradas ao abordar a temática sexualidade.

Quadro 1: Estratégias utilizada pelos profissionais para superar as dificuldades/barreiras quando abordam a temática sexualidade. 2021.

| Quais são as estratégias utilizadas pelos profissionais para superar as dificuldades/barreiras encontradas |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Não desistir do propósito.• Materiais de formação, Divulgação de experiências, Ações de promoção da saúde, Oficinas e seminários para profissionais de saúde e outras áreas, Campanhas de sensibilização, Capacitação de profissional;• Mídia e tecnologia.• Palestras educativas.• Não tenho estratégias. |

Fonte: Elaborado pelas autoras

A maioria utilizam diversas estratégias (80,0%), contudo, 20,0% não tem estratégia. No âmbito da enfermagem, para a educação de jovens e adolescentes, do ponto de vista da sexualidade, os profissionais utilizam folders, vídeos educativos, palestras nas escolas (60,0%), material do ministério da saúde (20,0%) e trabalham com o planejamento familiar (20,0%).

A escola é o local onde o tema sexualidade é abordado com maior frequência (SILVA *et al.*, 2019). Todos os profissionais responderam que a captação dos jovens e adolescentes é realizada na escola com apoio de médicos, de enfermeiros e de professores. Ainda assim eles podem ficar receosos, pois muitos consideram o tema um tabu, ocasionando barreiras e dificuldades para os profissionais, como expõe a figura 1:

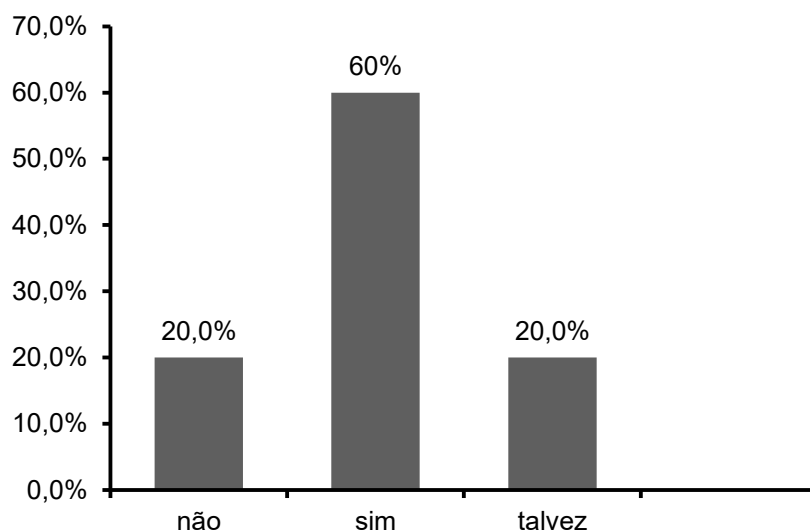


Figura 1: Enfrentam dificuldades e barreiras para realizar a assistência aos adolescentes ESF- Rio Casca – MG, 2021.

Fonte: Dados coletados pelas autoras

A maioria dos profissionais enfrentam obstáculos para realizar a assistência aos adolescentes (60,0%). Embora tenham relatado as dificuldades/barreiras, a maioria dos pesquisados (80,0%) responderam que não possuem dificuldade para lidar com a temática sexualidade na sua prática profissional.

A formação de enfermeiros, por meio da disciplina de sexualidade, relaciona-se com elementos que devem oportunizar a abordagem de questões relativas à identidade, igualdade, diferenças, diversidade, orientação sexual, relações de gênero, étnico-raciais e de nacionalidade em interface com aspectos éticos, políticos, midiáticos, religiosos, históricos, tecnológicos e, principalmente, com a saúde e o papel do enfermeiro. Em relação à saúde sexual e reprodutiva, a

enfermagem, na maioria das vezes, encontra dificuldade para relacionar o tema com as questões envolvidas. (LIMA *et.al.*,2021).

Na questão sobre a existência de ações intersetoriais no território de abrangência da unidade de saúde, quanto à prevenção de gravidez na adolescência, os métodos utilizados e o envolvimento dos profissionais nessas ações: 20% responderam que não tem desenvolvidos essas ações devido a pandemia, 20% disseram que não existe esse trabalho na unidade, 20% responderam que são realizadas somente palestras educativas, 20% utiliza do programa saúde na escola e 20% não realizam ações com frequência, o que existe são ações isoladas na unidade para apresentar métodos aos adolescentes.

Segundo Pinheiro *et al.* (2017) a intersectorialidade também é muito importante na abordagem de temas complexos por ter características como a prática integral, sendo possível apoiar às políticas públicas para alcance dos seus objetivos. Concomitantemente, os assuntos sexualidade e educação sexual são questões complexas, tanto nas instituições da saúde e da educação, então necessitam de condutas diferenciadas integradoras que as ações intersetoriais nos possibilitam.

Quanto a se sentir apto para lidar com a temática sexualidade humana na sua prática profissional como educador: 60% disseram que sim, se sentem aptos, 20% disseram que não se sentem aptos e 20% responderam talvez.

Para Araújo *et al.* (2016) o emprego de ações educativas focadas no adolescente concede aos profissionais conhecer suas peculiaridades e trabalhar em acordo com as carências de saúde desse público, porém, é necessário que haja trabalho em equipe para facilitar o acesso dos mesmos nas instituições de saúde.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou verificar o conhecimento dos enfermeiros sobre a educação sexual de jovens e adolescentes, bem como avaliar as estratégias utilizadas por eles na captação desses clientes, sabendo que essas ações influenciam diretamente na qualidade da assistência.

Os resultados desse estudo mostram que todos os pesquisados tiveram contato com a disciplina de sexualidade na graduação, que a maioria encontra

barreiras para lidar com o assunto. Ainda assim muitos se dizem aptos a lidar com essa temática. Apenas uma pequena parte trabalha com estratégias mais amplas, outras não possuem estratégias.

O cuidado de enfermagem vai além de tratar as enfermidades do cliente, abarca principalmente o desenvolvimento de ações que visem a promoção da saúde, prevenção de doenças, preza-se pela qualidade no atendimento pautada nas necessidades básicas humanas, nas particularidades de cada indivíduo nesse contexto as atividades educativas se destacam como instrumentos indispensáveis para a promoção eficiente da saúde, com a sensibilização da população.

Diante dos fatos, vale ressaltar que faltam políticas de ações intersetoriais e estratégias baseadas no autocuidado e autoconhecimento para que o protagonismo juvenil aconteça. Criar o vínculo com os adolescentes potencializa o alcance das ações. É muito importante que suas peculiaridades e o contexto no qual estão inseridos sejam respeitados, já que uma população bem instruída nas questões de saúde minimiza riscos e agravos e melhora qualidade de vida.

Quanto às limitações a pesquisa, pode-se apontar a realização em um único município com uma amostra pequena e em um momento de pandemia. Portanto, não podemos generalizar os resultados. Outra limitação foi em relação a escassez da literatura sobre o tema abordado. Ao longo do desenvolvimento deste estudo identificaram-se questões correlatas que permitiriam o desenvolvimento de outros estudos para ampliar o entendimento do fenômeno estudado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos *et al.* Conhecimento dos adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, 2017.

ARAÚJO, Maria Santina *et al.* Dificuldades enfrentadas por enfermeiros para desenvolver ações direcionadas ao adolescente na atenção primária. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, v. 10, n. 5, p. 4219-4225, 2016.

BARROS, Thamyrys Mayara; PIEKARSKI, Paula; MEZZOMO, Thaís Regina. Alteração na percepção corporal em adolescentes brasileiros de ensino público. **Revista Nutrición Clínica y Dietética Hospitalaria**, v. 37, n. 2, p. 157-161, 2017.

BRASIL. Casa Civil. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Brasília-DF: Casa Civil, 1990. Disponível em [http://www.planalto.gov.br > ccivil_03 > leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis). Acesso em: 27.abr.2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília-DF: Diário Oficial da União, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59. CAMPOS, Helena Maria *et al.* Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde debate**, v. 41, n. 113, p.658-669. 2017.

CELESTE, Lorena, Esmeralda, Nascimento; CAPPELLI, Ana Paula. Gameiro. Papel do enfermeiro do PSE na prevenção da gravidez na adolescência. **Pubsaúde**, v. 4,n.4, p. 90-94, 2020.

CONSTENARO, Regina Gema Santini *et al.* Educação Sexual Com Adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares **Brazilian Journal of Development**. v. 6, n.12, p. 100544-100560, 2020.

FONSECA, Iara Pereira. **Estratégias utilizadas pelas enfermeiras na atenção básica para a prevenção da gravidez na adolescência.** Orientador: Raphael Silva Nogueira Costa. 2017. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Faculdade Maria Milza, FAMAM. Governador Mangabeira – BA,2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5^a ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades** - Rio Casca. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/riocasca/panorama>. Acesso em: 27. abr. 2021.

LIMA, Ana Cristina Santos de *et al.* Gênero e sexualidade na formação de enfermeiros no ensino superior público brasileiro: estudo documental. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 11, 2021.

PINHEIRO, Aldrin Sousa de, *et.al.* A estratégia saúde da família e a escola na educação Sexual: uma perspectiva de intersetorialidade. **Trab. Educ. Saúde**, v. 15, n. 3, p. 803-822, set./dez. 2017.

RIBEIRO, Wanderson Alves *et al.* Adolescência X gravidez: as contribuições preventivas do enfermeiro na ótica da educação em Saúde. **Revista Uniabeu**, v. 12, n. 31, p. 229-244, 2019.



SILVA, Yhasmin Santos *et al.* Educação sexual para adolescentes: estratégias desenvolvidas por acadêmicos de enfermagem no âmbito escolar. **Gep News**, v. 2, n. 2, p. 90–98, 2019.